

## Intelectuais e modernismo brasileiro: nos rastros do Grupo Festa, anos de 1920

LUCIANA LILIAN DE MIRANDA\*

### 1. Introdução

Dentre os impactos culturais gestados no período pós Primeira Guerra Mundial no Brasil devemos situar os questionamentos propostos pelo movimento modernista brasileiro e as suas diferentes correntes na década de 1920.

O grupo espiritualista constituiu parte desse debate, produzindo registros das suas ideias nos anos de 1919-1929. Nesse período, circularam revistas fundadas pelos escritores integrantes dessa corrente. No entanto, não podemos condicionar o movimento modernista a certas datas, pois o mesmo atuou em diferentes temporalidades e espacialidades e não se encontrou circunscrito somente às ações de determinadas vanguardas intelectuais (VELLOSO, 2007)

Para além das críticas à estética passadista literária, as elites intelectuais engajadas no modernismo buscavam contestar as versões tradicionais acerca da História Brasileira. Era momento de redescobrir, de reinventar a identidade nacional. Produziram-se, assim, obras de arte, livros, poemas e filmes inspirados em repensar o Brasil, rejeitando-se as versões colonizadoras e as explicações de matriz determinista (SALIBA, 2012).

Dentro desse contexto, as elites intelectuais elaboraram variadas explicações sobre o país, oscilando entre tendências tradicionalistas e vanguardistas. Comprometidos com a construção de um Brasil moderno, as ideias defendidas por esses dois segmentos assumiram elaborações bastante diferenciadas (MOTTA, 1992).

Alguns eventos e textos foram emblemáticos e deram visibilidade às ideias propagadas pelos modernistas, como por exemplo: *A Semana de Arte Moderna*, realizada em São Paulo (1922), *O manifesto Pau-Brasil* (1924) e o *Manifesto Antropófago* (1928), escritos por Oswald de Andrade, importante expoente da corrente primitivista da vanguarda modernista.

Divergindo da tendência vanguardista, havia um segmento que se identificava com valores mais tradicionais. Herdeiros da visão paradigmática difundida nos *Sertões* de Euclides da Cunha, de valorização da terra, da natureza e das gentes do sertão, essa elite intelectual defendia os valores da ruralidade.

---

\* Bolsista de Pós-Doutorado PNPd/CAPES-PPGH/UFG. Doutora em História Contemporânea pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). E-mail: llm.miranda@gmail.com

Para esse grupo, representado por escritores da reação católica como o escritor sergipano Jackson de Figueiredo (1891-1928) e Tristão de Ataíde (1893-1983), os *Verde-Amarelos* Plínio Salgado (1895-1975) e Cassiano Ricardo (1895-1974), ou ainda Monteiro Lobato (1882-1948) e Oliveira Vianna (1883-1951), a identidade nacional deveria ser buscada nos sertões, nos sertanejos, livres dos francesismos do litoral urbano. Defendiam um retorno à natureza e à valorização da atividade agrária em detrimento da expansão industrialista.

A corrente espiritualista, objeto da nossa investigação, encontrava-se vinculada a essa matriz mais tradicionalista. Enquanto os autores da vertente primitivista buscavam explicar o Brasil a partir das suas origens, aspirando construir a identidade nacional de seu povo; os espiritualistas almejavam compreender a modernidade e indagar sobre o destino do homem, sem romper completamente com o passado.

Formado em torno de Tasso da Silveira (1895-1968), no Rio de Janeiro, o grupo espiritualista fundou a *Revista Festa* (1927-1928). O periódico foi idealizado por Tasso da Silveira e Andrade Muricy. Compuseram ainda o projeto: Adelino Magalhães, Barreto Filho, Brasília Itiberê, Henrique Abílio, Lacerda Pinto, Abgar Renault, Wellington Brandão, Cardilho Filho e Murilo Araújo. Colaboraram com frequência Cecília Meireles e Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Ataíde), dentre outros.

Em contraste com as correntes vanguardistas da época, os escritores da vertente espiritualista deixaram o seu legado pelas reflexões e poesia imbuídas de elementos espirituais ancorados nos valores do catolicismo. Assumiram, segundo a historiografia, uma postura reacionária ao combater o excesso de localismo, nativismo e coloquialismo evidenciados pelos grupos modernistas paulistas.

## 2. Nacionalismo e modernismo em debate

Com o advento da I Guerra Mundial e todas as questões espoletadas pelo conflito, como a diminuição do mito da superioridade europeia, observou-se uma mudança de postura por parte dos intelectuais brasileiros. Essa mudança de perspectiva refletiu-se no conteúdo das publicações (livros, jornais e revistas). Deixou-se de lado o tom mundano e despreocupado e sobressaíram os discursos de inquietação com os rumos do país. Questionava-se, em diferentes vozes, qual a posição do Brasil em meio a um contexto de acirrada disputa entre as grandes potências europeias e suas políticas imperialistas.

Nesse cenário, articularam-se algumas tendências nacionalistas militantes no país. Em linhas gerais, assumiram duas vertentes: uma direcionada à defesa do serviço militar e à construção de uma consciência cívico-patriótica, configurada na *Liga de Defesa Nacional* e na *Liga Nacionalista de São Paulo*. A outra, encontrava-se mais próxima a um nacionalismo de direita, crítico ao liberalismo e aos estrangeirismos. Constituiu-se a partir do Rio de Janeiro e organizou-se por meio de dois movimentos: a *Propaganda Nativista* e a *Ação Social Nacionalista*.

A *Liga da Defesa Nacional* foi fundada em 7 de setembro de 1916, dia da independência, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O poeta Olavo Bilac (1865-1918), após várias conferências configurando uma jornada nacionalista, foi um dos criadores da entidade <sup>2</sup>.

Segundo Lippi Oliveira, Bilac encontrava-se entre os autores que compreendiam os novos tempos. Ainda nas suas crônicas de 1905, defendia a educação primária e o serviço militar obrigatórios. Na batalha pelo civismo, o escritor mobilizou setores sociais em torno da *Liga Brasileira pelos Aliados* no início da Primeira Guerra: “Sua proposta de salvação nacional passava pelo serviço militar obrigatório, visto como instrumento de formação de brasileiros conscientes e dignos que conduziria ao triunfo da democracia” (1990: 120).

Entretanto, o poeta não era militarista, mas acreditava que o exército cumpria um papel civilizador e coesivo diante da falta de uma organização da sociedade civil. A incorporação generalizada da população à instituição possibilitava ao cidadão uma formação elementar, garantindo o domínio da língua portuguesa, a introdução dos hábitos regulares de higiene e a educação fundamental.

A campanha nativista, mencionada anteriormente, constitui-se como outra tendência nacionalista com bastante visibilidade e influência na época. A *Propaganda Nativista* (1919), a *Ação Social Nacionalista* (1920) e os seus grupos fundadores aproximavam-se do

---

<sup>2</sup> Dentre outros nomes de peso nas esferas política, jurídica, diplomática e literária brasileira da época participaram da fundação da Liga: Pedro Lessa (1859-1921), Miguel Calmon (1879-1935), Wenceslau Braz (1868-1966), Rui Barbosa (1849-1923), Coelho Neto (1864-1934), João Pandiá Calógeras (1870-1934) e o general Caetano de Farias (1855-1920). Atualmente, a Liga da Defesa Nacional possui representações em alguns Estados brasileiros, tais como: Brasília (órgão central), Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro, Ceará, Maranhão, Piauí, São Paulo e Amazonas. A organização define como principais diretrizes: “defender a integridade territorial e a integridade nacional; promover a formação moral da pessoa humana; valorizar a cultura nacional; difundir a educação cívica; incentivar o estudo de nossa história e de nossas tradições; incentivar a adoção de uma bandeira nacional em cada escola, sindicato e entidade de classe; realizar anualmente a corrida do fogo simbólico da pátria, entre outras finalidades” (RANQUETAT JÚNIOR 2011: 13-14).

nacionalismo jacobino<sup>3</sup>, que ganhou força no Governo do Marechal Floriano Peixoto (1891-1894), numa fase de implantação e consolidação da República. A este líder político e grande patriota<sup>4</sup>, conforme apreciação do grupo, prestaram homenagens e tinham como traço marcante o mesmo anti-lusitanismo dos seus antecessores.

Álvaro Bomílcar (1874-1957), escritor, jornalista e poeta, foi um dos principais expoentes do movimento nacionalista radical e nativista da época. Em obra publicada em 1920, *A política no Brasil ou o Nacionalismo Radical*, Bomílcar avaliava a situação de subordinação do país à antiga metrópole portuguesa. Fez ainda avaliação crítica da campanha pela aproximação luso-brasileira, cujo protagonismo de João de Barros e do cronista carioca João do Rio era conhecido.

No cenário político brasileiro do período havia, segundo o líder nativista, alguns tipos de nacionalismo a combater. Eram os mesmos: o nacionalismo germanófilo, o da raça-latina e o português.

O germanófilo era fundamentado no anti-catolicismo e na Ciência do pensadores alemães. Respal dava-se, ainda, numa avaliação positiva do imigrante alemão e dos contributos da sua colônia para o Brasil. No entanto, para Bomílcar, o colono alemão só poderia ser útil quando assimilado pela cultura brasileira. Para esse efeito, fazia-se obrigatório o estudo da língua portuguesa e das coisas do país. Dever-se-ia lutar contra o germanófilo que desprezasse os elementos nacionais, adotando o conceito equivocado de raças inferiores<sup>5</sup>.

O segundo tipo de nacionalismo a se impugnar era o do culto ao conceito de raça latina, “absurda ficção” aos olhos do autor. Tratava-se dos defensores da tese de serem os brasileiros; o povo, a raça e a língua latinos. Segundo Bomílcar, o nacionalismo raça-latina devia ser

---

<sup>3</sup> O jacobinismo manifestou-se como um movimento político de composição social heterogênea, respaldado por um discurso essencialmente militar-positivista, com forte atuação nos anos de 1893 a 1897. Embora tenha limites cronológicos definidos, segundo Queiroz, alguns dos elementos marcantes do seu discurso, como a lusofobia, o republicanismo e antimonarquismo virulentos, são-lhe anteriores ou permanecem vivos após o período de atuação do movimento. Devido ao esse fato da indissociação entre ação e pensamento, o qual caracterizou o jacobinismo, não há consenso historiográfico quanto ao seu surgimento e fracasso. É, portanto, um conjunto de elementos (lusofobia, republicanismo, anti-monarquismo) que definem o movimento acrescido do florianismo (culto à personalidade do Marechal Floriano Peixoto), característica inovadora que permite situá-lo no tempo e conferir-lhe especificidade (QUEIROZ, 1986).

<sup>4</sup> Dedicatória de Álvaro Bomílcar, fundador da *Campanha Nativista*, em destaque no livro *A política no Brasil ou o Nacionalismo Radical* (1920): “À memória do consolidador da República, Marechal Floriano Peixoto, heróe modesto, mentalidade culta, patriota inexcédível, que se esforçou para dar-nos a consciencia da fôrça, o orgulho da nacionalidade, e, como governo, agiu com energia e desassombro em pról da emancipação do Brazil [...]”.

<sup>5</sup> Bomílcar posicionou-se, nesse sentido, contra o pensamento do escritor e diplomata brasileiro Graça Aranha (1868-1931) e dos arqueólogos Ihering (pai e filho), os quais, na sua leitura, alimentavam a ideia de hierarquização cultural.

combatido: “porque é um culto estranho e desvirilizador, mais perigoso, mais funesto aos interesses nacionais do que esses obscuros, innocentes ritos africanos, *candonblés e pajélanças*, que a policia dos suburbios persegue, em nome da ordem e da civilização!” (BOMÍLCAR, 1920: 97). Esse falso nacionalismo disseminava uma ideia de desvalorização daquilo que era próprio da cultura brasileira e incitava a cópia dos valores tidos como superiores, tais como a moda e os costumes franceses.

O terceiro falso nacionalismo era o português, segundo Bomílcar. Também afiliado à concepção de raça latina, este era considerado pelo escritor o “mais generalizado e pernicioso”. Era o que se havia apossado do comércio (retalho e bancário), da imprensa (do Rio, de São Paulo, do Pará e do Amazonas), das empresas de navegação e cabotagem. Queria ainda impor a sua literatura e infiltrar-se “discretamente na maioria das instituições deste paiz em nome de uma camaradagem mais retumbante do que sincera” (BOMÍLCAR, 1920: 98).

Contra esses nacionalismos bifrontes (ora “francelho”, ora “germanófilo”, ora “lusitanófilo”), o autor propunha um nacionalismo radical brasileiro voltado para as questões do país. Esses princípios mobilizaram Bomílcar a reunir apoiadores e a fundar revistas e organizações, as quais contribuíram para propagar essa versão de nacionalismo. Assim surgiram a *Revista Braziléa* (1917-1918), a *Propaganda Nativista* e, posteriormente, a *Revista Gil Blas* (1919-1923).

*Braziléa* foi publicada mensalmente nos anos de 1917 e 1918, dirigida por Bomílcar e Arnaldo Damasceno Vieira (1879-1951), engenheiro militar e escritor. O direcionamento do discurso nacionalista promovido pelo mensário teve como foco a luta contra a hegemonia dos portugueses em vários ramos da sociedade brasileira, assim como, a valorização da mestiçagem na construção do povo brasileiro.

Dentre os principais colaboradores da revista devemos citar o advogado e publicista Jackson de Figueiredo (1891-1928), importante figura no movimento católico leigo do período, sendo responsável pela seção bibliográfica. Figueiredo foi ainda uma influência marcante no que concerniu à aproximação dessa corrente nacionalista ao catolicismo. Deve-se acrescentar, que o autor foi referência para a corrente espiritualista modernista, que nos propomos a estudar.

A *Propaganda Nativista*, criada no Rio de Janeiro em 21 de Abril (Dia de Tiradentes) de 1919, teve suas ideias embrionárias cultivadas na *Revista Brazileia* (1917-1918). No entanto, a

principal fonte divulgadora do seus princípios norteadores foi a Revista *Gil Blas* (1919-1923), sob a direção do advogado e escritor Alcebíades Delamare (1888-1951).

A entidade visava, sobretudo, trabalhar pela emancipação econômica, intelectual e financeira do Brasil, libertando-o da submissão aos interesses estrangeiros, com base na defesa das ideias republicanas e democráticas. Pretendia, dentre outras questões, cultivar a solidariedade entre as nações americanas e combater a influência das modernas nações europeias, defender o mercado de trabalho para os brasileiros evocando medidas para regulamentar a imigração, a qual deveria ser encaminhada somente aos serviços da lavoura (BOMÍLCAR, 1920: 179-180).

Cabe referir que, ao lado de Álvaro Bomílcara<sup>6</sup>, Jackson de Figueiredo e Delamare desempenharam papéis relevantes na defesa dessa vertente nacionalista. Posteriormente, o viés lusófono assumido num primeiro momento foi aplacado em função da adesão desses dois últimos personagens ao movimento católico.

Nesse período de intensa produção intelectual, que buscava pensar a nação no pós-guerra, dois eventos destacaram-se como espaço privilegiado das leituras em confronto: as comemorações do Centenário da Independência e a Semana de Arte Moderna, ambos em 1922.

Segundo estudo de Marly Motta, as celebrações centenárias mobilizaram a intelectualidade dos dois principais centros urbanos do país, na altura; Rio de Janeiro e São Paulo. Ao avaliar o papel das figuras históricas, ao julgar o passado colonial e as realizações republicanas, suscitaram discussões sobre a formação e as perspectivas da sociedade brasileira. Questionava-se, sobretudo, o atraso do país, que ainda não havia embarcado na tão almejada modernidade (1992: 5).

O grande desafio, segundo a avaliação dos intelectuais do período, era o de superar o passado recente, configurado pelos desencantos com o regime republicano e uma *Belle Époque* falida, após a I Guerra. Necessitava-se, diante desse quadro de desilusões, de buscar novos parâmetros para se definir uma nação moderna.

Nesse contexto, os intelectuais de 1922 produziram variadas explicações sobre o país, oscilando entre tendências tradicionalistas e vanguardistas. Comprometidos com a construção

---

<sup>6</sup> Mesmo em Bomílcara notou-se um respeito ao catolicismo. A Igreja Católica, nas suas palavras; “sempre visou a ordem, o bem e a união espiritual do Mundo”. Ressaltava, ainda, o contributo dos Jesuítas na formação do Brasil (1920: 39).

de um Brasil moderno, as ideias defendidas por esses dois segmentos assumiram elaborações bastante diferenciadas.

De um lado, temos um grupo de pensadores identificados às ideias das vanguardas europeias da época, dispostos a romper com os cânones clássicos e voltados à realidade nacional, que emergia do ritmo veloz e febril do novo mundo urbano e industrial. Por outro, indivíduos filiados às correntes internacionais de caráter conservador, imersos nos valores da natureza e do campo e avessos ao industrialismo, à dinâmica da vida urbana, litoralista, cosmopolita e liberal.

Dentre a vertente intelectual vanguardista que integrou as correntes modernistas, destacaram-se nomes como Mário de Andrade (1893-1945), Oswald de Andrade (1890-1954) e Menotti del Picchia<sup>7</sup> (1892-1988), a cidade impunha-se como o novo centro dinâmico da vida nacional, constituindo-se como espaço de uma identidade nova. As luzes, os aeroplanos, os motores, as chaminés das fábricas, a velocidade compunham o imaginário moderno. Nessa perspectiva, o tipo representativo da nacionalidade não se encontrava nas matas ou no sertão (MOTTA, 1992: 7).

O futuro da nação era questionado pelo movimento modernista no processo de mudanças vivenciado pela sociedade brasileira das primeiras décadas do século XX. Tratou-se de um momento complexo, no qual se entrecruzaram dinâmicas diferentes. Havia um contraste entre a industrialização, a urbanização, o crescimento do proletariado e do empresariado e a permanência de aspectos da tradição colonialista, como os latifúndios, o sistema oligárquico e o desenvolvimento desigual das regiões.

No campo da produção intelectual estava em pauta a discussão da redescoberta do Brasil, ou seja, a busca por uma identidade brasileira que representasse esse cenário de mudanças. Alguns eventos (Semana de Arte Moderna) e textos foram emblemáticos e deram visibilidade às ideias propagadas pelos modernistas, destacando-se nesse sentido: *O manifesto Pau-Brasil* (1924) e o *Manifesto Antropófago* (1928), escritos por Oswald de Andrade, importante expoente da vanguarda modernista.

---

<sup>7</sup> Jornalista, romancista e político, Del Picchia acabou por assumir uma tendência divergente das ideias iniciais propugnadas na *Semana de Arte Moderna* de 1922 e na Revista modernista *Klaxon* (1922-1923). Aliou-se, a partir de 1926, a uma vertente mais conservadora de pensadores, que constituiu o grupo *Verde-Amarelo*, o qual trataremos mais adiante.

Num primeiro momento, influenciados pelos movimentos artísticos da vanguarda europeia, os portadores das ideias modernistas aderiram ao primitivismo. Uma espécie de promoção culta da barbárie esteve presente nas manifestações dessas vanguardas europeias, desde o início do século XX. Sendo assim, a escultura da África negra fez parte da gênese do cubismo, a poesia primitiva africana transitou entre os expressionistas alemães e os dadaístas de Zurique.

As inspirações recolhidas na Europa foram reelaboradas e pensadas à luz do contexto sócio-cultural brasileiro da época. A retomada de elementos da cultura primitiva brasileira, os costumes indígenas e africanos, legitimava-se pela sua presença no cotidiano ou como lembranças vivas de um passado recente.

Nas celebrações do primeiro centenário da independência política do Brasil, os modernistas ocuparam-se das mazelas culturais remanescentes da herança colonial. Denunciaram a bacharelise, o "lado doutor" da pedagogia jesuíta dominante nas faculdades de Direito. Dispuseram-se contra o "falar difícil" da língua culta, submissa à norma gramatical lusitana. Espelhando-se no cubismo europeu e nas suas proposições acerca das relações entre o primitivo e o popular, os primitivistas brasileiros buscavam renovar radicalmente o código literário (PAES, 1988: 91).

Nesse sentido, foi duramente criticada a arte parnasiana, da qual Olavo Bilac destacou-se como grande expoente. Os modernistas propunham deglutir o tom harmonioso, as rimas e os ritmos perfeitos, as citações latinas, o vocabulário erudito e seletivo da escrita parnasiana.

O *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*<sup>8</sup> (1924), de autoria de Oswald de Andrade, expressava metaforicamente no próprio título a tentativa dos pensadores modernistas de se libertarem de séculos de sujeição cultural. O Pau-Brasil, produto nativo e primeiro alvo da exploração portuguesa, constituía-se, portanto, no símbolo do produto mais exportado no período colonial. Nesse sentido, a imagem foi apropriada no manifesto com o intuito de valorizar a cultura nativa e, ao mesmo tempo, assinalar a ruptura com a dinâmica anterior. Instaurava-se uma nova lógica marcada pela exportação da cultura brasileira (FINAZZI-AGRÓ, 2000: 615-626).

No *Manifesto Antropófago* (1928), Oswald de Andrade, assinalava o ápice dessa ruptura. O escritor encontrou uma saída original para desvincular a cultura brasileira do domínio da

---

<sup>8</sup> ANDRADE, O. (1972). O manifesto foi publicado pela primeira vez no jornal *Correio da Manhã*, em 18 de março de 1924.



cultura europeia. Embora não se pudesse negar a sua influência histórica, a metáfora da antropofagia subvertia a relação de dependência. Em outras palavras, a ideia de canibalismo operava como uma irônica metáfora que neutralizava a noção de dependência cultural. O canibalismo aqui remetia ao traço principal da cultura brasileira, ou seja, a capacidade infinita de incorporação e reelaboração de elementos de outras culturas.

Em confronto com o pensamento da tendência vanguardista, havia um segmento que se identificava com valores mais tradicionais. Herdeiros da visão paradigmática difundida nos *Sertões* de Euclides da Cunha, de valorização da terra, da natureza e das gentes do sertão, essa elite intelectual defendia os valores sólidos da ruralidade.

Para esse grupo, representado por escritores da reação católica como Jackson de Figueiredo (1891-1928) e Tristão de Ataíde (1893-1983), os *Verde-Amarelos* Plínio Salgado (1895-1975) e Cassiano Ricardo (1895-1974), ou ainda Monteiro Lobato (1882-1948) e Oliveira Vianna (1883-1951), a identidade nacional deveria ser buscada nos sertões, nos sertanejos, livres dos francesismos do litoral urbano. Membros ou próximos de uma elite agrária em crise, esses escritores filiavam-se às correntes que pregavam um retorno à natureza e a valorização da atividade agrária em detrimento da expansão industrialista (MOTTA, 1992: 35).

Os *Verde-Amarelos* surgiram em decorrência de uma cisão no movimento modernista. Esse grupo<sup>9</sup> expressava uma vertente mais conservadora dentre as correntes da época. A partir de 1924, denominado segundo tempo modernista, consolidaram-se as diferenças entre as várias vertentes do movimento. Inicialmente, unidos pela proposta de atualização da cultura e pela crítica aos gêneros literários tidos como ultrapassados discordaram, posteriormente, na análise dos caminhos para se modernizar o Brasil.

A corrente espiritualista, a qual elegemos como temática central a ser analisada, também constituiu uma linha de pensamento divergente da vanguarda primitivista. Esse grupo reuniu-se em torno do jornalista-escritor Tasso da Silveira (1895-1968), no Rio de Janeiro. Tendo em vista o grande contributo desse grupo para o debate histórico-filosófico da época, visamos aprofundar as reflexões em torno das ideias desse círculo de escritores.

---

<sup>9</sup>Ao lado de Plínio Salgado e Cassiano Ricardo, também fizeram parte do movimento os escritores; Menotti del Picchia, Cândido Mota Filho e Alfredo Élis. Ricardo, Del Picchia e Mota Filho tornar-se-iam, ao longo dos anos de 1940, ideólogos do Estado Novo Vargasista. Escreveu artigos na imprensa diária em defesa das doutrinas do regime.

### 3. Os espiritualistas e a sua "festa inquieta"

Enquanto os autores da vertente primitivista buscavam explicar o Brasil a partir das suas origens, aspirando construir a identidade nacional de seu povo; os espiritualistas almejavam compreender a modernidade e indagar sobre o destino do homem, sem romper completamente com o passado. Defendiam uma modernidade que compreendesse os antigos modelos, que dialogasse com o passado, portanto fundada a partir da continuidade e não de um processo de ruptura (ARAÚJO, 2011: 99-100).

A maioria do grupo, com exceção da poetisa Cecília Meireles, identificava-se com a filosofia da Igreja Católica. As obras e o convívio do grupo com o ensaísta e jornalista sergipano Jackson de Figueiredo (1891-1928) constituiu-se como fonte de referência na proximidade com o catolicismo. Nesse aspecto, produziu-se um conjunto de interpretações e poesia referenciados em valores espirituais, cujas raízes vinculavam-se ao passado colonial.

No início do movimento modernista este grupo não se destacou diante dos posicionamentos mais radicais e fortes das outras correntes do período. Entretanto, acabou por angariar maior aceitação do público nos anos seguintes. A edição da *Revista Festa* (1927-1928; 1934-1935), configurou-se como o espaço privilegiado de divulgação das ideias da corrente espiritualista.

A revista foi idealizada por Tasso da Silveira e Andrade Muricy. Compuseram ainda o projeto: Adelino Magalhães, Barreto Filho, Brasília Itiberê, Henrique Abílio, Lacerda Pinto, Abgar Renault, Wellington Brandão, Cardilho Filho e Murilo Araújo. Colaboraram com frequência Cecília Meireles e Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Ataíde). *Festa* contou também com a participação eventual de autores como Carlos Drummond de Andrade, Francisco Karan, Carlos Chiacchio, Gilka Machado, Jorge de Lima, Ribeiro Couto, Plínio Salgado, Mário de Andrade e Nestor Vitor (ARAÚJO, 2011: 101).

Segundo Castro Gomes, o grupo era heterogêneo, composto por alguns escritores reconhecidos e outros menos, destacando-se como principais temas discutidos na revista: espiritualismo/catolicismo, modernismo, música, nacionalismo, universalismo/totalismo, linguagem e ritmo, Rio de Janeiro/São Paulo, Comunismo, Simbolismo e Liberalismo (GOMES, 2004: 97).

Nesse cenário de intensos debates em torno da literatura, das artes, o qual incorporava a ideia de reinvenção da História Brasileira, rejeitando-se as teorias colonizadoras e as

explicações deterministas, o grupo espiritualista firmou-se no meio literário carioca pela poesia imbuída de elementos espirituais ancorados nos valores do catolicismo. Assumiram, portanto, aos olhos da historiografia uma postura reacionária, combatendo o excesso de localismo, nativismo, coloquialismo, ao estilo do poema-piada que os revolucionários paulistas praticavam (CONTE, 2002: 51-52).

Buscaremos, ao longo da pesquisa proposta, investigar e dialogar com os referenciais teóricos que fundamentaram as ideias desses escritores, com o intuito de explorar perspectivas que ultrapassem o rótulo de reacionarismo atribuído a essa corrente. Uma das questões importantes é problematizar os princípios desse espiritualismo e a sua filiação a outros escritores ancorados no catolicismo.

#### 4. Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Oswald de. *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias - Obras Completas*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1972.
- ARAÚJO, Cláudia Beatriz Carneiro. Festa e o Modernismo. *Revista LING. Est. e Pesq.*, Catalão-GO, vol. 15, n. 1, p. 97-109, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/lep/article/viewFile/32461/17289>, consulta realizada em 10/6/2015.
- BAGGIO, Kátia Gerab. “Os Intelectuais Brasileiros e o Pan-Americanismo: A Revista Americana (1909-1919)” In: *Anais Eletrônicos do IV Encontro da ANPHLAC*, Salvador, 2000. Disponível em: [http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro4/katia\\_baggio.pdf](http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro4/katia_baggio.pdf).
- BASTAZIN, Vera (org.). *A semana de arte moderna: desdobramentos (1922-1992)*. São Paulo: EDUC, 1992.
- BOSI, Alfredo. *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2010.
- Gomes, A. M. C. "Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: O caso de Festa". *Luso-Brazilian Review*, vol. 41 no. 1, 2004, pp. 80-106. Project MUSE, doi:10.1353/lbr.2004.0010.
- CONTE, Wilmar. *A Túnica Inconsútil de Jorge de Lima: modernismo, modernidade e poesia espiritualista*. Dissertação de mestrado, Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2002. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1884/24557>.
- FINAZZI-AGRÓ, Ettore. “A Identidade devorada: considerações sobre a Antropofagia”. In: CASTRO ROCHA, João Cezar de (org.). *Nenhum Brasil Existe*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- GOMIDE, B. Bruno. O Terceiro elemento: Dostoiévski e os intelectuais católicos brasileiros (anos 1920 e 1930). In: ANPOCS, 2005, Caxambú. Anais do XXIX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu: ANPOCS, 2005.

- LIPPI OLIVEIRA, Lúcia. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense: Brasília: CNPq, 1990.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: DIFEL, 1979.
- MIRANDA, Luciana L. de. “Brasil, visão do que fomos, do que somos e do que devemos ser”: a causa Luso-Brasileira em João de Barros, 1912-1922. Tese de Doutorado em História. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), Universidade Nova de Lisboa (UNL), 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/13092> .
- \_\_\_\_\_. Nacionalismos e nativismos nos anos de 1920: João de Barros e a aproximação luso-brasileira. *Patrimônio e Memória*. São Paulo, Unesp, v. 11, n. 2, p. 21-51, julho-dezembro, 2015.
- MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro: Editora FGV: CPDOC, 1992. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10438/6770> .
- PAES, José Paulo. “Cinco livros do Modernismo brasileiro”. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 2, n. 3, [on line], 1988. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141988000300007> ; acesso em 20 de Junho de 2015.
- QUEIROZ, Suely R. Reis de. *Os radicais da República*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- RANQUETAT JÚNIOR, Cesar Alberto. “A Campanha Cívica de Olavo Bilac e a criação da Liga da Defesa Nacional”. Publ. UEPG Humanit. Sci., Linguist., Lett. Arts, Ponta Grossa, 19 (1): 9-17, jan./jun. 2011. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas>; acesso em 1/8/2013.
- RIBEIRO, Emanuela Sousa. *Modernidade no Brasil, Igreja Católica, Identidade Nacional: Práticas e Estratégias Intelectuais, 1889-1930*. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2009. Disponível em: [http://repositorio.ufpe.br:8080/bitstream/handle/123456789/7062/arquivo3274\\_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://repositorio.ufpe.br:8080/bitstream/handle/123456789/7062/arquivo3274_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y) .
- RUCKER, Joseane de Mello. *A revista Festa e a modernidade universalista na arte – estudo de caso: Adelino Magalhães*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2005. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/7455> .
- SALIBA, Elias Thomé. Cultura: as apostas na República. In: SCHWARCZ, Lília M. (coord.). *História do Brasil nação: 1808-2010. A Abertura para o mundo (1889- 1930)*; vol. 3. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012.
- SOUZA, Valmir. *Murilo Mendes: da história satírica à memória contemplativa*. Tese de doutorado, Pós Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-22052007-134750/pt-br.php> .
- \_\_\_\_\_. Memória poética e esquecimento em História do Brasil e Contemplação de Ouro Preto de Murilo Mendes. *Ipotesi* (UFJF), v. 11, p. 127-136, 2007.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- \_\_\_\_\_. (org.). República: da Belle Époque à Era do Rádio. In: NOVAIS, Fernando A. (dir.) *História da Vida Privada*, vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. “A Brasilidade Verde-Amarela: nacionalismo e regionalismo paulista”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, nº. 11, 1993, pp. 89-112.



\_\_\_\_\_. O modernismo brasileiro: outros enredos, personagens e paisagens. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, 09 février 2007, consulta em 19/08/2015. URL: <http://nuevomundo.revues.org/3557>; DOI: 10.4000/nuevomundo.3557 .